

FÍSICA, MISTICISMO E O NOVO PARADIGMA HOLOGRÁFICO

Uma Avaliação Crítica

por **Ken Wilber**
in *O Paradigma Holográfico e Outros Paradoxos*
ed. Cultrix (pág. 149-173)

© 1979 por *ReVision Journal* — © [Editora Pensamento-Cultrix](#)

Documento para uso pessoal.
Não publique em nenhum site da Internet nem envie integralmente para listas de discussão.
Direitos de tradução e publicação adquiridos exclusivamente pela Ed. Cultrix.

Transcrição e edição do texto por [Gustavo](#)



Estamos atualmente passando por uma mudança de paradigma na ciência — talvez a maior mudança desse tipo até hoje, Pela primeira vez, deparamo-nos com um modelo abrangente para experiências místicas, que tem a vantagem adicional de derivar da vanguarda da física contemporânea.

— Lawrence Bynam (1978)

Para compreender como o novo paradigma científico se encaixa no esquema global das coisas, é necessário, antes de mais nada, possuir um esquema global das coisas. A filosofia perene sempre ofereceu esse esquema, e, por questão de conveniência, o usarei aqui.

No que se segue, farei um resumo da *philosophia perennis* — deixando pelo caminho, entretanto, detalhes, suficientes com os quais trabalhar — e, a seguir, aplicarei essa filosofia com vistas a uma elucidação e a uma crítica tanto do "paradigma holográfico" como da "nova física", abordando cada um dos pontos-chave envolvidos.

A mais notável característica da filosofia/psicologia perene é o fato de ela apresentar o ser e a consciência como uma hierarquia de níveis dimensionais, movendo-se a partir dos domínios mais baixos, mais densos e mais fragmentários até os mais altos, mais sutis e mais unitários. No hinduísmo, por exemplo, o nível mais baixo é chamado de *annamayakosa*, que significa o nível feito de alimento — isto é, o corpo físico e o cosmos material. O nível seguinte é chamado *pranamayakosa* — o envoltório constituído pelas funções biológicas, pelo alento vital, pelas emoções, pela bioenergia e assim por diante. O budismo Mahayana

refere-se a esses dois níveis chamando-os de os cinco *vijnanas* — o domínio dos cinco sentidos e de seus objetos físicos.

O nível seguinte, de acordo com o hinduísmo, é o *manomayakosa*, "o envoltório feito de mente". No budismo, ele é denominado *manovijnana* — a mente que permanece (miopemente) próxima dos cinco sentidos. Esse é aproximadamente o nível que nós, no Ocidente, chamaríamos de intelecto, mente, ego mental, processo secundário, pensamento operacional, etc.

Mais além da mente, de acordo com o hinduísmo, está o *vijnanamayakosa* (que os budistas chamam de *manas*). É uma forma muito elevada de mente, tão alta, na verdade, que é melhor nos referirmos a ela usando outro nome — sendo o mais comum deles "domínio sutil". Diz-se que o sutil inclui processos arquetípicos, *insights* de ordem elevada e visões, intuição extática, uma extraordinária clareza de percepção ciente e alerta, uma consciência panorâmica e penetrante, que alcança muito além dos limites ordinários do ego, da mente e do corpo.

Mais além do sutil fica o domínio causal (que o hinduísmo chama de *anandamayakosa*, e o budismo de *alayavijnana*). É um domínio de transcendência perfeita, tão perfeita que, segundo se afirma, vai além da concepção, da experiência e da imaginação de qualquer indivíduo comum. É um domínio de Radiância sem forma, de *insight* radical da totalidade da manifestação, de liberação beatífica no infinito, de ruptura de todas as fronteiras, superiores ou inferiores, e de sabedoria e percepção absolutamente panorâmicas ou dotadas da natureza de espelhos perfeitos.

Atravessando o domínio causal, a consciência desperta mais uma vez, agora em sua morada absoluta. Essa é a Consciência enquanto Tal; ela não é apenas o limite infinito do espectro do ser, mas é também a natureza, a fonte e a ipseidade de cada nível do espectro. Ela permeia radicalmente tudo, e não existe outra além dela. A essa altura — mas não antes — todos os níveis são experimentados como manifestações perfeitas e equivalentes desse Mistério Supremo. Aí não há níveis nem dimensões, não há mais alto nem mais baixo, não há sagrado nem profano; aí o real é tão ostensivo que o zen o descreve assim:

Enquanto o vento embala os salgueiros
Gotas de veludo movem-se no ar
Enquanto a chuva cai sobre as flores da pereira
Borboletas brancas saltitam no céu

O resumo acima nos daria aproximadamente seis níveis principais —físico, biológico, mental, sutil, causal e supremo [não-dual] (listados mais adiante, na [Tabela 1](#)). Ora, muitas tradições subdividem e ampliam extensamente esse modelo

(afirma-se, por exemplo, que o sutil consiste em sete níveis). Mas, à parte isso, é importante compreender que *todas* as principais tradições *perennis* concordam com essa hierarquia geral, e que a maioria delas concorda até mesmo com os detalhes. Além disso, essa hierarquia não é um conjunto minucioso de sutis e acessórias questões filosóficas; para essas tradições, ela é o núcleo fundamental da sabedoria perene tal como pode ser formulada em palavras. Pode-se, assim, dizer com propriedade que qualquer consideração sobre a "visão de mundo" dos místicos que omita esse tipo de hierarquia é seriamente inadequada.

De acordo com as tradições perenes, cada um desses vários níveis tem um campo apropriado de estudo. O estudo do primeiro nível é, basicamente, o da física e da química, o estudo das coisas não-vivas. O nível 2 é o domínio da biologia, o estudo dos processos da vida. O nível 3 é o nível tanto da psicologia (quando a consciência está "voltada para dentro") quanto da filosofia (quando está "voltada para fora"). O nível 4, o sutil, é o domínio da sagrada religião que almeja o *insight* visionário, halos de luz e bem-aventurança, intuição angélica ou arquetípica e assim por diante. O nível 5, o causal, é o domínio da sabedoria religiosa, que tem por objetivo não simplesmente experiências de ordem mais elevada mas, principalmente, a dissolução e a transcendência de quem as faz. Esse caminho de sabedoria envolve a transcendência de toda a dualidade sujeito/objeto em consciência sem forma. O nível 6, o supremo, aguarda por alguém que abra caminho através das barreiras finais dos níveis 4 e 5, despertando a si mesmo como consciência suprema.

Tabela 1

1. *Físico* – matéria/energia não-viva
2. *Biológico* – matéria/energia viva, prânica, sensitiva
3. *Mental* – ego, lógica, pensamento
4. *Sutil* – o arquetípico, transindividual, intuitivo
5. *Causal* – radiância sem forma, transcendência perfeita
6. *Supremo* [não-dual] – consciência enquanto tal, a fonte e a natureza de todos os outros níveis

Observe que essas diferentes disciplinas, à semelhança dos níveis aos quais elas se referem, são hierárquicas. Isto é, assim como cada nível do espectro transcende mas inclui o nível que o precede, assim cada estudo mais elevado envolve suas disciplinas inferiores — mas o contrário não acontece. Assim, por exemplo, o estudo da biologia utiliza-se da física, mas o estudo da física não usa a biologia.

É outra maneira de dizer que os níveis mais baixos não abrangem nem podem abranger os níveis mais elevados. A máxima fundamental da filosofia perene

afirma que o elevado não pode ser explicado pelo mais baixo, nem pode derivar dele. (De fato, como veremos, o mais baixo é criado com base no mais alto, um processo chamado "involução".)

Embora os vários níveis dimensionais sejam hierárquicos, isso não significa que sejam radicalmente separados, discretos e isolados uns dos outros. São, na realidade, níveis *diferentes*, mas níveis diferentes *de* Consciência. No entanto, afirma-se que os vários níveis se interpenetram mutuamente. Aqui está uma excelente descrição:

Esses "mundos" [ou níveis dimensionais] não são regiões separadas, divididas espacialmente, de modo que seria necessário mover-se no espaço para passar de uma para outra. Os mundos mais altos interpenetram completamente os mundos inferiores, que são moldados e sustentados por suas atividades.

O que os divide é o fato de que cada mundo tem um nível de consciência mais limitado e controlado que o mundo acima dele. A consciência de nível mais baixo é incapaz de experimentar a vida dos mundos mais altos e não está nem mesmo ciente de sua existência, embora seja interpenetrada por eles.

Mas se os seres de um mundo inferior podem elevar sua consciência até um nível mais alto, então esse mundo mais elevado torna-se manifesto para eles, e pode-se dizer que passaram para um mundo mais alto, embora não se tenham movido no espaço (Shepperd, 1977).

Os vários níveis, então, interpenetram-se e interconectam-se mutuamente. *Porém, não de uma maneira equivalente.* O mais alto transcende o mais baixo mas o inclui — *não vice-versa.* Isto é, tudo o que é do inferior está "dentro" do superior, mas nem tudo do superior está no inferior. Como um exemplo simples, há um sentido segundo o qual tudo o que é do réptil está no homem, mas nem tudo do homem está no réptil; tudo o que é do mundo mineral está na planta, mas não o contrário, e assim por diante. "O mais altamente evoluído", explica Wachsmuth, "sempre contém em si os atributos do anterior, embora sempre se desenvolva como uma nova entidade, uma atividade que se distingue claramente da do outro" (1977).

Desse modo, quando o sábio místico fala desse tipo de mútua interpenetração, refere-se a uma *interpenetração multidimensional com não-equivalência.*

A explicação, oferecida pelos sábios místicos, dessa interpenetração multidimensional constitui parte da mais bela e profunda literatura do mundo[1]. A essência dessa literatura, embora pareça quase uma blasfêmia tentar reduzi-la a uns poucos parágrafos, é que "no Princípio" há somente a Consciência enquanto Tal, sem tempo, sem espaço, infinita e eterna. Por nenhuma razão que se possa estabelecer em palavras, uma sutil ondulação é gerada nesse oceano infinito. Essa ondulação não poderia, por si mesma, subtrair nada do infinito, pois o infinito pode conter toda e qualquer entidade. Mas essa ondulação sutil, despertando para

si própria, *esquece* o mar infinito do qual ela é apenas um gesto. Sente-se, portanto, posta de lado face ao infinito, isolada, separada.

Essa ondulação, muito rarefeita, é a região causal (nível 5), o verdadeiro começo, embora extremamente débil, da onda de autoconsciência (*selfhood*). Nesse ponto, no entanto, ela é ainda muito sutil, muito "próxima" do infinito, da bem-aventurança.

Mas, de certa forma, não se acha plenamente satisfeita, não está profundamente em paz. Porque, para encontrar essa paz total, a ondulação deveria retornar ao oceano, dissolver-se novamente em infinidade radiante, esquecer de si mesma e lembrar do absoluto. No entanto, para isso ela teria de morrer — precisaria aceitar a morte de seu sentido de *self* separado. Mas isso a deixaria aterrorizada.

Uma vez que tudo o que ela deseja é o infinito, mas fica aterrorizada em aceitar a morte necessária, ela continua procurando o infinito por meios que o evitem. Como a ondulação *quer* se libertar e ao mesmo tempo *tem medo* disso, ela arranja um *compromisso* e um *substituto*. Em vez de encontrar o Deus real, simula que ela própria é deus, cosmocêntrica, heróica, toda-suficiente, imortal. Isto não é apenas o início do narcisismo e da batalha da vida contra a morte, é uma versão *reduzida* ou *restrita* da consciência, pois a ondulação não mais é *una* com o oceano, ela própria tenta *ser* o oceano.

Movida por esse projeto Atman — a tentativa de obter o infinito por meios que o evitem e de forçar gratificações substitutivas — a ondulação cria modos de consciência sempre mais cerrados e mais restritos. Presumindo que o causal é menos que perfeito, ela reduz a consciência para criar o sutil (nível 4). Eventualmente, achando que o sutil é menos que o ideal, ela reduz a consciência uma vez mais para criar o mental (3). Fracassando nisso, ela a reduz ao plano prânico, e a seguir ao material, onde, finalmente, exaurindo sua tentativa de ser deus, cai num torpor inanimado.

No entanto, por trás desse projeto Atman, que é o drama da ignorância do *self* separado, aí, não obstante, reside Atman. Tudo no trágico drama do desejo e da mortalidade foi apenas o jogo do Divino, um esporte cósmico, um gesto de Auto-esquecimento de modo que o choque de Auto-realização fosse o mais aprazível. A ondulação *procedeu* ao esquecimento do *Self*, com certeza — mas foi uma ondulação do *Self*, e permaneceu assim durante todo o jogo.

Dessa forma, esse movimento do mais alto para o mais baixo — que é a involução — é, de imediato, um ato de pura criação e uma fulgurante radiância (por parte do Atman), e uma trágica narrativa de sofrimento e de infelicidade épica (por parte

da auto-ondulação (*self-ripple*) tentando realizar o projeto Atman), O propósito supremo da evolução — o movimento do mais baixo para o mais alto — é o despertar *como* Atman, e desse modo reter a glória da criação sem ser forçado a atuar no drama do auto-sofrimento.

Durante o curso da história de nosso universo (e a ciência nos ajuda nesse ponto), evoluímos do nível 1 (que começou aproximadamente há 15 bilhões de anos com o Big Bang) para o nível 2 (que ocorreu vários bilhões de anos mais tarde, quando a matéria despertou em alguma realização de vida) e daí para o nível 3 (que até agora só foi plenamente alcançado pelos seres humanos). A evolução se acha, por assim dizer, semicompleta. "A humanidade", disse Plotino, "está suspensa a meio caminho entre os deuses e as feras".

Mas no decurso passado da história da humanidade, alguns homens e mulheres, graças à disciplina evolucionária da alta religião, foram bem-sucedidos em empurrar seu próprio desenvolvimento e evolução para o nível 4: o nível do sagrado, da religião e a primeira intuição da realidade transcendental, una em essência, permanecendo acima e além da mente, do *self*, do corpo e do mundo ordinários. Esse "além" foi poeticamente chamado de Paraíso; essa unicidade foi chamada de Deus uno. Essa intuição não ocorreu plenamente até por volta do ano 3000 a.C., com o surgimento das primeiras grandes religiões monoteístas. (Antes dessa época, havia somente realizações politeístas — um deus do fogo, um deus da água, etc. Trata-se, na verdade, de magia xamânica, oriunda de uma simples manipulação do nível 2, ritos e energias emocionais e sexuais.) Por volta de 500 a.C., no entanto, certas almas voltadas para a evolução deram, em seu desenvolvimento, um impulso para o causal — Cristo, Buda, Krishna, os grandes sábios de importância axial. Seus *insights* foram expressos e ampliados de modo a produzir aquilo que os tibetanos chamaram de via *svabhavikakaya* — a via do nível 6, ou a Verdade já realizada, a via do Zen, do Vajrayana, do Vedanta. O que permanece é, para o mundo, um exemplo a ser seguido, por meio de um processo evolucionário de meditação, para os domínios mais elevados, culminando no infinito.

De acordo com a filosofia perene, todo esse processo de involução e evolução não apenas é posto em movimento através dos séculos, mas também se repete de momento a momento, incessante e instantaneamente. Neste momento, e também no seguinte e no que lhe segue, um indivíduo parte para o infinito. Mas neste momento, e no seguinte e no que lhe segue o indivíduo se contrai afastando-se do infinito e termina reduzido ao nível da sua presente adaptação. Ele *involui* até o mais alto ponto a que já chegou a *evoluir* — e todos os domínios superiores são

simplesmente esquecidos, reprimidos, tornados inconscientes. É por isso que toda meditação é chamada recordação ou reminiscência (*smriti*, em sânscrito, *sati*, em páli, como em *satipatthana*, *anamnesis*, para Platão, *zikr* para o sufi — todos são precisamente traduzidos como "memória" ou "recordação").

Toda essa panóplia de níveis mais elevados, que, momento a momento, geram o inferior, e da fascinante interpenetração de cada nível com os outros, bem como da extraordinária dinâmica entre os níveis, tudo ocorrendo num campo de radiância fulgurante — é tudo isso o que os sábio místico quer dizer quando fala de interpenetração multidimensional com não-equivalência.

O fato de o sábio místico falar com tanta freqüência sobre a diferença entre níveis, e enfatizar essas diferenças, não significa que ele negligencia as relações entre os elementos num *determinado* nível. De fato, o místico é preciso em sua compreensão da comunidade dos elementos que constituem cada nível. Desde que tudo nesses elementos é "feito" da mesma densidade de consciência — uma vez que todos eles pertencem *ao mesmo nível* — são todos perfeitamente interpenetrantes e mutuamente interdependentes, de uma maneira *equivalente*. Isto é, nenhum elemento de qualquer *dado* nível é mais elevado, ou mais real, ou mais fundamental que os outros, simplesmente porque todos eles são feitos da "mesma matéria-prima" (o que significa, da mesma densidade de consciência).

Para ser mais preciso, há certas hierarquias dentro de cada nível — não são, porém, hierarquias de *status* —, tais como a de tamanho. Por exemplo, um planeta é maior que uma rocha, um sistema solar é maior que um planeta, uma galáxia é maior que um sistema solar. Essa é uma hierarquia de tamanho, e não de *status* ontológico, pois todas pertencem igualmente ao plano material. Neste exato sentido, todas as hierarquias dentro de cada dimensão constituem-se de elementos *equivalentes*.

Desse modo, no plano físico, nenhuma partícula elementar é "mais fundamental" que qualquer outra (todas elas parecem estar sujeitas ao *bootstrap*[2]). No plano da nutrição, nenhuma vitamina é, em última instância, mais essencial que qualquer outra (suprima qualquer uma delas e você morrerá). Na esfera moral, nenhuma virtude é superior a outra — todas parecem envolver-se mutuamente (como Sócrates sabia e como Maslow descobriu para os valores B). No plano sutil, todos os arquétipos são reflexos equivalentes de Deus, assim como todos os *Sambhogakayas* são aspectos equivalentes do *Dharmakaya*.

A questão é que todos os elementos de um dado nível são aproximadamente equivalentes em *status* e mutuamente interpenetrantes de fato. Todos em um e

um em todos — holograficamente, por assim dizer. Mas, em virtude da hierarquia, qualquer elemento de um nível superior é mais alto em *status* ontológico que qualquer elemento de uma dimensão inferior (por exemplo, a virtude da compaixão *não* é equivalente à vitamina B12). Essa interconexidade [interconectividade] mútua dos elementos de qualquer nível *isolado* é a *interpenetração unidimensional com equivalência*. É um tipo de *holoarquia* existente dentro de cada nível de *hierarquia*. Dessa forma, a maneira mais simples de resumir a visão de mundo do místico seria:

- 1) Holoarquia dentro de cada nível [átomos, rochas, planetas, galáxias...]
- 2) Hierarquia entre níveis [físico, biológico, mental...]

Com essa informação de fundo, chegamos ao novo paradigma.

FÍSICA E MISTICISMO

Uma das doutrinas do misticismo freqüentemente mencionadas é a da "interpenetração mútua", tal como é apresentada, por exemplo, na escola de budismo Kegon, nos *Discourses* de Meher Baba, nos Cinco Degraus da Escola Soto do zen, etc. Por "mútua interpenetração" o místico entende *ambas* as formas de interpenetração discutidas acima: unidimensional e multidimensional, holoárquica e hierárquica, horizontal e vertical.

Imagine os seis níveis de consciência[3] como um edifício de seis andares: o místico entende que todos os elementos em cada andar interagem harmoniosamente, e, o que é mais importante, cada um dos andares interage com todos os outros. Quanto a essa interação em muitos níveis, o místico entende que os elementos físicos interagem com os elementos biológicos, que interagem com os mentais, que por sua vez interagem com os sutis, que interagem com os causais, que passam para o infinito, cada nível substituindo seu predecessor mas em mútua interpenetração com ele. E assim, falando de *todos* esses níveis, o místico diz, usando as palavras de Meher Baba, que "todos eles se interpenetram e existem juntos".

Agora, acontece que o físico moderno, trabalhando com o domínio mais baixo — o nível dos processos materiais ou não-sensitivos e não-vivos — descobriu a interpenetração *unidimensional* no plano material: descobriu que todos os hadrions, léptons, etc. são mutuamente interpenetrantes e interdependentes.

Segundo a explicação de Capra:

A teoria quântica nos força a perceber o universo não como uma coleção de objetos físicos, mas sim como uma complicada tela de relações entre as várias partes de um todo unificado... Todas as partículas [físicas] são dinamicamente compostas umas das outras de uma maneira autoconsistente, e, nesse sentido, pode-se dizer que "contém" umas às outras. [Nessa teoria], a ênfase está na interação, ou "interpenetração", de todas as partículas (1977).

Em resumo, falando dessas partículas subatômicas, e das ondas e dos campos, o físico diz que "todos eles se interpenetram e existem juntos". Agora, uma pessoa menos cautelosa, constatando que o místico e o físico, usaram precisamente as mesmas palavras para falar a respeito de suas realidades, concluiria desse modo que as realidades também devem ser as mesmas. Mas não são.

O físico, com sua interpenetração unidimensional, nos diz que todos os tipos de eventos atômicos estão entrelaçados uns com os outros — o que é, em si mesmo, uma descoberta significativa. Mas ele não nos diz, e não pode nos dizer, absolutamente nada a respeito da interação da matéria inanimada com o nível biológico, e da interação desse nível com o campo mental — que relação teria o plasma iônico com, digamos, metas e impulsos do ego? Além disso, o que dizer da interação do campo mental com o sutil, e do sutil com o causal, e da interação e interpenetração inversas, ao longo de todo o caminho de volta pelos níveis inferiores? Que pode a nova física nos dizer a respeito disso?

Sugiro que a nova física simplesmente descobriu a interpenetração unidimensional em seu próprio nível (massa/energia não-sensitiva). Se bem que esta seja uma descoberta importante, não pode ser comparada com os extraordinários fenômenos de interpenetração multidimensional descritos pelos místicos. Vimos que o hinduísmo, para só citar um exemplo, possui uma teoria incrivelmente complexa e profunda a respeito de como o domínio supremo gera o causal, que por sua vez gera o sutil, que cria a mente, da qual provém o mundo carnal e, bem no fundo, o plano físico. A física nos contou todo o tipo de coisas significativas a respeito desse último nível. Quanto aos seus predecessores, nada pode dizer (sem se voltar para a biologia, a psicologia ou a religião). Para falar de maneira crua, o estudo da física está no primeiro andar, descrevendo as interações de seus elementos; os místicos estão no sexto andar, descrevendo as interações de todos os seis andares.

Desse modo, como conclusão geral, embora aproximativa, a afirmação de que "as visões de mundo da física e do misticismo são similares" é uma generalização excessiva e imoderada e baseia-se, como um físico recentemente se expressou,

"no uso de similaridades acidentais de linguagem como se estas fossem, de certa forma, uma evidência de conexões profundamente arraigadas" (Bernstein, 1978).

Além disso, a física e o misticismo não são duas abordagens diferentes da mesma realidade. São abordagens diferentes de dois níveis de realidade bastante diferentes, dos quais o último transcende mas inclui o primeiro. Isto é, a física e o misticismo não seguem o princípio de complementaridade de Bohr. Em geral, não se compreende que a complementaridade, como é usada na física, significa dois aspectos *mutuamente exclusivos*, ou duas abordagens *mutuamente exclusivas*, de uma interação. A física e o misticismo não são complementares porque um indivíduo pode ser, ao mesmo tempo e no mesmo ato, um físico e um místico. Como dissemos, este último transcende mas inclui o primeiro; ele não o exclui. A física e o misticismo não são duas abordagens mais mutuamente exclusivas de uma realidade do que, digamos, a botânica e a matemática.

Toda essa noção de complementaridade da física e do misticismo vem do fato de se ignorar os níveis de 2 a 5. Desse modo, parece que a física (nível 1) e o misticismo (nível 6) são as duas únicas abordagens importantes da realidade. Dessa truncada visão da realidade, advém a suposta "complementaridade" da física e do misticismo. Essa reivindicação não é feita para a sociologia e o misticismo, a nutrição e o misticismo, ou a botânica e o misticismo; e também não deveria sê-lo para a física e o misticismo.

O que é novo a respeito da nova física não é que ela tenha algo a ver com os níveis mais elevados da realidade[4]. Com poucas exceções de menor importância (que logo discutiremos), ela nem mesmo tenta explicar ou responder pelo nível 2 (e muito menos pelos níveis de 3 a 6). Mais propriamente, ao se estender até os extremos das dimensões materiais, ela aparentemente descobriu a holoarquia básica do nível 1, e isso, de fato, é algo novo. Nesse ponto, pelo menos, a física e o misticismo estão de acordo.

No entanto, mesmo aqui precisamos ser cuidadosos. Na pressa de fazer o casamento da física com o misticismo, sob a mira da espingarda da generalização, tendemos a esquecer que a realidade quântica não tem absolutamente nenhum apoio no mundo real dos processos macroscópicos. O físico Walker expressa esse fato dizendo que, no mundo ordinário dos "automóveis e das bolas de basquetebol, os quanta são inseqüentes". Desde há muito isso é claramente reconhecido pelos físicos. O nível quântico é a tal ponto submicroscópico que suas interações podem, para todos os fins práticos, ser ignoradas no mundo macro. As intensas interações entre os mésons subatômicos, que soam tão místicas, não são, em absoluto, observadas entre os objetos macroscópicos, entre rochas e

peças e árvores. Como Capra cuidadosamente explica, "a unicidade básica do universo...torna-se evidente *no nível atômico* e se manifesta cada vez mais à medida que se penetra mais fundo...no domínio das *partículas subatômicas*" [o itálico é meu] (1977).

Mas é precisamente no domínio comum das rochas e das árvores que o místico vê sua mútua interpenetração de toda a matéria. Sua unicidade básica do universo não "começa do nível atômico". Quando o místico olha um pássaro voando sobre um córrego que se precipita em cascata e diz: "Eles são uma perfeita unidade", ele não quer dizer com isso que se pegássemos um supermicroscópio e examinássemos a situação veríamos o pássaro e o córrego permutando mésons de uma maneira unitária. Sua visão unitária é um impacto imediato expressando sua compreensão pessoal de que "todo este mundo na verdade é Brahma".

Isto é, até mesmo a concordância entre o místico e o físico no nível 1 deve ser considerada como algo tênue ou como uma feliz coincidência. Pergunte a qualquer físico se as conexões entre, digamos, uma árvore e um rio macroscópico são tão intensas e unitárias como as que ocorrem entre partículas subatômicas, e, quase certamente ele dirá que não. O místico dirá que sim.

Esta é uma questão fundamental e mostra, realmente, que o físico e o místico não estão nem mesmo falando sobre o mesmo mundo. O físico diz: "O mundo newtoniano ordinário é, para todas as finalidades práticas, separado e discreto, mas o mundo subatômico é um padrão unificado". O místico diz: "O mundo newtoniano ordinário é, conforme o percebo diretamente, um todo indivisível; quanto ao domínio subatômico, jamais o vi".

Aqui, é a questão crucial, pois, como explica Jeremy Bernstein, professor de física do Stevens Institute (1978), "se eu fosse um místico oriental, a última coisa no mundo que eu desejaria seria uma reconciliação com a ciência moderna". De acordo com seu ponto de vista, é a própria *natureza* das descobertas científicas que os cientistas incessantemente mudam e alteram, que a prova científica da última década é a falácia dessa década, e que nenhum dos principais fatos científicos pode deixar de ser profundamente alterado pelo tempo e por experimentos ulteriores. E se nós disséssemos que a iluminação de Buda acaba de receber corroboração da física? O que acontecerá então quando, daqui a uma década, novos fatos científicos substituírem os fatos correntes (como deverá ocorrer)? Buda perderá sua iluminação? Não podemos ter as duas coisas. Se casamos hoje o misticismo com a física, não deveríamos também salvaguardá-lo? O que significa confundir fatos científicos temporais com domínios contemplativos intemporais? "Casar uma filosofia religiosa [transpessoal] com uma ciência

contemporânea", diz o dr. Bernstein, "é uma rota certa para sua obsolescência".[5]

A ORDEM IMPLICADA

Os mesmos tipos de dificuldade cercam o uso popular do conceito, introduzido por David Bohm, de uma "ordem implicada" da matéria.[6] O público em geral, e muitos psicólogos em particular, consideram o domínio implicado como se ele transcendesse as partículas físicas e, de algum modo, alcançasse um estado mais elevado de unidade e totalidade. Na verdade, o domínio implicado não transcende a matéria — ela a subcende [*subcends*] e expressa uma coerência, uma unidade e uma totalidade de todo o plano físico, ou nível 1. Realmente, ele vai além da matéria explicada, mas de uma maneira subjacente ou subcedente, e não de uma maneira transcendente. De fato, o conceito *exclui* explicitamente quaisquer domínios mais elevados, tais como a mente e a consciência.

Isso foi bem esclarecido pelo próprio Bohm. Antes de mais nada, Bohm se opõe claramente a tentar introduzir a mente ou a consciência no formalismo da mecânica quântica (MQ), como alguns físicos gostariam de fazer. Como ele e Hiley colocaram a questão num artigo recente: "Mostramos que a introdução da mente consciente na física. . . é motivada por certas considerações bastante gerais que têm pouco a ver com a própria mecânica quântica. Essa abordagem contrasta com nossas próprias investigações usando o potencial quântico. . . Nosso objetivo é, de fato, *descrever essa ordem sem introduzir o observador em qualquer papel fundamental*" [o itálico é meu] (1975). A conclusão do trabalho de Bohm é a de que parece haver certos fenômenos quânticos que "nos apresentam uma nova ordem, ou um novo processo estrutural, que não se encaixa no esquema newtoniano" (1975).

Essa nova ordem, em termos gerais, é o domínio implicado (ou domínio holográfico ou do holomovimento). Mas Bohm se esforça enfatizando que não há nada de místico ou de transcendental com relação à ordem implicada. De acordo com sua teoria, que é muito elegante, a ordem explicada repousa sobre um mar de energia física implicada de magnitude e potencial extraordinários, e que as equações da mecânica quântica "descrevem essa [ordem implicada]" (1978). Assim, num certo sentido, o domínio implicado vai além da matéria explicada: "A matéria é como uma pequena ondulação nesse tremendo oceano de energia. . . Essa ordem implicada subentende uma realidade que se prolonga imensamente além daquilo que chamamos de matéria. A própria matéria é apenas uma

ondulação nesse pano de fundo" (1978).

Mas em análise final, esse mar implicado, embora "mais sutil" que a matéria explicada, pertence ainda ao domínio da *physis* ou da massa/energia não-viva em geral. Isso é óbvio, pois 1) Bohm já *excluiu* os domínios mais altos, tais como a consciência mental, da mecânica quântica, e 2) as equações de mecânica quântica, diz-se "descrevem a ordem implicada". O desdobramento a partir do domínio implicado é, diz ele, "uma idéia direta com relação ao que se entende pela matemática da (mecânica quântica). O que é chamado de transformação unitária ou de descrição matemática básica do movimento em mecânica quântica é exatamente aquilo de que estamos falando" (1978). Ora, as equações da mecânica quântica não definem a vida biológica, ou o nível 2; elas não descrevem a vida mental, ou nível 3; tampouco descrevem os domínios sutil, causal ou absoluto. Descrevem algo que se processa no domínio da *physis* e em nenhum outro lugar. Além disso, Bohm estabelece claramente que "a ordem implicada é ainda matéria".

É um crédito para Bohm que, em seus escritos teóricos, ele torna bastante claro o fato de que não está tentando introduzir a consciência ou a mente no formalismo da MQ, nem está tentando por essa via "provar" estados mais altos do ser com equações que não descrevem claramente nem mesmo a vida animal (nível 2) mas apenas processos não-sensitivos. Pois certamente é verdadeiro que, se o domínio implicado baseia-se numa interpretação elegante dos fatos gerados pela MQ, então é igualmente certo que ela não possui nenhuma *identidade* fundamental com nenhum dos níveis de 2 a 6. Em resumo, a ordem implicada, de maneira como eu a anunciaria, é a estrutura unitária profunda (a holoarquia) do nível 1, que é subjacente, ou que subcende, as estruturas superficiais explicadas das partículas elementares e das ondas.

Ao mesmo tempo, o próprio Bohm está perfeitamente cômico de que a noção de uma ordem implicada não-local da *physis* ainda está longe de ser a única interpretação possível da MQ e, de qualquer maneira, longe de ser um caso absoluto: "Atualmente", diz ele, "é necessário resistir à tentação de concluir que tudo [no domínio físico] se acha conectado com tudo o mais, independentemente das separações de espaço e de tempo. Até hoje, as evidências indicam que os efeitos não-locais [aquilo que o público veio geralmente a chamar de eventos holográficos ou eventos de ordem implicada] surgem sob condições muito especiais, e quaisquer correlações que se tenha estabelecido tendem a ser rapidamente quebradas, de modo que nossa abordagem tradicional, que analisa sistemas em subsistemas autônomos, é, em geral, perfeitamente válida" (1975).

Aqui o ponto importante é que o *insight* dos místicos não reside no que esses físicos, conclusivamente, decidem.[7]

A ORDEM IMPLICADA E A PSICOLOGIA

O fato de a ordem implicada valer apenas para o nível da *physis* não significa, simplesmente, que ela não pode ser aplicada, como metáfora (e não como modelo), em níveis mais altos — ela pode (e o próprio Bohm especula cada vez mais nessa direção). Mas certas precauções deveriam ser tomadas.

Em primeiro lugar, a metáfora implicada/explicada, pelo fato de fornecer apenas duas dimensões principais (três, no máximo, ao se lançar num domínio "além de ambas"), só oferece a mais vaga representação da Grande Cadeia do Ser, a qual, como Huston Smith[8] demonstrou, deve possuir no mínimo quatro e de preferência cinco níveis se pretende chegar a algo semelhante à completude (já resumimos a versão hindu/budista, de seis níveis, dessa Grande Cadeia). Num sentido amplo, é aceitável falar de "gradações do domínio implicado", de modo a estender a metáfora até abranger a Cadeia; porém, a menos que possamos especificar a natureza precisa dessas "gradações", nada ganhamos com isso. E, naturalmente, não podemos imaginar que temos a autoridade da física para fazê-lo.

Por outro lado, se deixamos que a Grande Cadeia do Ser colapse a fim de encaixá-la na metáfora implicada/explicada, perdemos essa grande precisão e abrangência da hierarquia tradicional da consciência. John Welwood, por exemplo, apresentou uma bela versão da Cadeia do Ser consistindo em níveis tais como a mente pensante, a região (*ground*) situacional do corpo (nível 2), a região pessoal da mente (nível 3), a região transpessoal (níveis 4 e 5), e a região aberta (nível 6). No entanto, para correlacioná-la de qualquer modo com a metáfora implicada/explicada, ele teve de colapsar seu modelo em apenas três níveis com uma conseqüente perda substancial de precisão, e nenhum ganho discernível em clareza. Repetindo, isso é perfeitamente aceitável e útil até certo ponto. (No presente caso, Welwood estava escrevendo num estilo introdutório simples, e foi bem-sucedido nesse sentido [1979]). Mas se estendemos a metáfora para além das generalizações aproximadas e da hipérbole introdutória, nada lucraremos; pelo contrário, resultarão daí certos erros especificáveis.

Em segundo lugar, alguns escritores usam a ordem implicada como uma metáfora não para a subcendência mas para a transcendência. Isto é, usa-se o domínio implicado como uma metáfora de uma totalidade ou de uma unidade de *ordem*

mais elevada, para se referir, presumivelmente, a níveis tais como o sutil e o causal. Essa também é uma generalização útil — mas até certo ponto. A dificuldade é que, como foi originalmente esclarecido por Bohm para o domínio da *physis*, as "entidades" explicada e implicada são mutuamente exclusivas. A partícula "gotícula de tinta" está desdobrada e manifesta (explicada) ou dobrada e não-manifesta (implicada). Não pode estar em ambas as situações ao mesmo tempo (de qualquer forma, não o pode sem com isso arruinar a demonstração original).

Tudo isso está muito bem para a dimensão da *physis*. Mas os níveis realmente mais elevados não são mutuamente exclusivos com os mais baixos — o mais alto, como dissemos, transcende mas inclui o mais baixo. Eis um simples exemplo: quando o nível 2 (biovida) surgiu pela primeira vez e transcendeu a matéria, ele não dispersou a ordem explicada da matéria — nem a aniquilou ou a dispersou para dentro da potencialidade dobrada. Ele a transcendeu mas também a incluiu, de uma maneira perfeitamente explicada, como um aspecto ou parte de si mesmo. Isso é evolução, ou envolvimento explicado; não é involução, ou dispersão implicada. Uma das mais belas ilustrações dessa evolução é o cérebro humano: o cérebro reptiliano é envolvido pelo cérebro límbico que, por sua vez, é envolvido pelo neocórtex, todos eles perfeitamente explicados, mas incluindo-se, e representando e retendo a evolução ou o desdobramento do réptil até o mamífero e até o ser humano.

A questão é a seguinte: a menos que seja efetuado com extrema cautela e precisão (e isso pode ser feito lançando-se mão desta metáfora)[[9](#)], o uso da metáfora da ordem implicada tende a acabar gerando uma descrição da involução, que é um movimento regressivo. A metáfora implicada resultante é um "modelo de fusão": o absoluto, em vez de transcender perfeitamente as distinções a as incluir numa ordem, meramente as oblitera e as dispersa. Mas a graça, como sabia São Tomás, aperfeiçoa a natureza; ela não a obscurece.

MENTE E MECÂNICA QUÂNTICA

Diferindo de David Bohm e da grande maioria dos físicos, há um punhado de físicos de vanguarda que não apenas desejam injetar a "mente" nas equações da MQ, como também insistem nisso. Wigner, Walker, Muses e Sarfatti estão produzindo elaboradas explicações matemáticas que insistem em mostrar o papel

crucial da consciência nas formulações da MQ. São esses tipos de formulações que, antes de mais nada, impeliram o físico a vaguear pelos quintais do místico — ou, pelo menos, do parapsicólogo[10].

O ímpeto para essas formulações reside naquilo que é chamado "problema da medição", e este é taquigrafia para algumas equações matemáticas muito sofisticadas e elaboradas e para certos paradoxos que elas geram.

O próprio problema diz respeito ao seguinte tipo de dilema: a matemática da MQ pode determinar, com grande precisão, a *probabilidade* de que um certo evento quântico venha ocorrer num determinado ambiente (num certo lugar ou num certo tempo), mas jamais poderá prever o preciso ambiente em que ocorrerá. Pode dizer, por exemplo, que a probabilidade de encontrar uma partícula quântica na área A é de 50%, na área B, de 30%, e na área C, de 20%. Mas ela não pode, sob quaisquer circunstâncias, dizer que um determinado evento *ocorrerá* na área A (dada essa distribuição de probabilidade). Desse modo, o evento em particular não é considerado como uma simples entidade ou ocorrência isolada, mas, antes, como uma "tendência para existir", que neste exemplo seria *definida* por uma equação (ou amplitude de probabilidade) que expressa, com efeito, a distribuição: 50% A / 30% B / 20% C.

Agora, o fato singular é que o evento, quando ocorre, ocorre *de fato* apenas em *uma* área. É quase (não totalmente) como se um estatístico estivesse tentando prever por qual das três portas é provável que você passe, e, por várias razões, ele termina defrontando-se com os resultados: 50% de chance para a porta A, 30% para a porta B e 20% para a porta C. Ele não pode prever exatamente qual porta será, mas apenas as porcentagens. Mas quando você finalmente atravessar a porta, você o fará somente através de *uma* delas — não são 50% de você que atravessarão a porta A, 30% que atravessarão a B e 20% que atravessarão a C.

Para além disso, a analogia falha. O estatístico tinha razões para acreditar que você existia antes de atravessar qualquer uma das portas — ele pode permanecer olhando para você, pois você é um só. Mas o físico não tem esse tipo de certeza a respeito de suas partículas quânticas, pois não há *maneira alguma* pela qual ele possa seguir olhando para uma partícula (para nossos propósitos menos que precisos, digamos que ela é pequena demais para que se possa vê-la perfeitamente). A *única* maneira de ele poder olhar para a partícula é fazendo uso de certos instrumentos — isto é, *medindo-a* de alguma forma. Mas para medi-la ele precisa, por assim dizer, fazê-la atravessar as portas de seus instrumentos. Eis aí o problema: para descobrir o que está atrás da porta, o físico tem de usar a porta. Em todos os casos, seus fenômenos só podem ser detectados à medida que

caminham atravessando várias portas, e as equações que descrevem essas "caminhadas" são puramente probabilísticas: digamos, 50/30/20.

Portanto, o físico defronta-se com um problema conceitual: antes da medição, *tudo* o que ele pode dizer sobre um evento quântico é que ele *é* (e não que tem) uma certa tendência para existir (por exemplo, 50/30/20). O evento em si, se for deixado com está (sem ser medido) se "propagará através do espaço-tempo" de acordo com a função de onda de Schrödinger, que, elevada ao quadrado, dá a probabilidade de encontrar o evento num certo meio (50/30/20). Mas antes da medição efetiva, *não há meios, sejam quais forem*, de saber precisamente em que região a partícula ocorrerá. Todavia, quando ela é finalmente detectada, sua ocorrência terá lugar somente em *uma* região (digamos, a região B) e não se espalhará através das três portas. Isso é chamado de colapso do vetor de estado ou do pacote de ondas, pois quando a medição determina que a partícula está em B, a probabilidade de ela estar em A ou em C colapsa, isto é, cai para zero. O colapso do vetor de estado significa que o evento *saltou* de uma "tendência para existir" (50A/30B/20C) para uma "ocorrência real" (B).

É daí que surgem os problemas. Seria a própria medição que teria "causado" o colapso do pacote de ondas? Será que a partícula real de fato existia antes da medição? Se dizemos que ela existe (o que parece senso comum), como podemos saber com certeza que ela existia, desde que não há maneira *alguma* de afirmar isso, uma vez que nossas equações matemáticas, que descrevem perfeitamente esse domínio, nos dizem somente 50/30/20? Se negamos as equações, como podemos negar o fato de que, por outro lado, elas funcionam tão bem?

Além de um grande número de filósofos que sustentam (não sem certas justificativas) que aquilo que colapsa o pacote de ondas não é a mente nem a matéria mas a má metafísica, há várias diferentes escolas do pensamento sobre esse "problema de medição", oferecidas pelos próprios físicos:

1. A interpretação de Copenhagen — A maioria dos físicos segue essa escola, a qual sustenta que o colapso do pacote de ondas é, na realidade, puramente aleatório. Não há necessidade de uma explicação. Desde que não há maneira de ficar atrás da porta, não há o atrás da porta[11]. A MQ oferece uma explicação completa da maneira como está, e não há necessidade nem possibilidade de "olhar atrás das cenas" e tentar imaginar se o evento está lá ou não, antes de uma medição. Com toda a justiça, deveria ser dito que há muito boas razões, se não absolutas, para adotar este ponto de vista. Também se deveria dizer, como freqüentemente se assinala, que o próprio Einstein rejeitou violentamente esse ponto de vista (com a exclamação "Deus não joga dados com o universo!"),

mesmo que todas as objeções que ele desfechasse contra essa interpretação fossem brilhantemente aparadas por Bohr e por outros, usando as próprias teorias de Einstein. Ao mesmo tempo, repito que esta explicação (e as seguintes) são tipos de explicações extremamente popularizadas. Mas em meio a essa contestação, a Interpretação de Copenhague diz que a probabilidade 50/30/20 é tudo o que podemos saber e tudo o que há para saber; qual das portas a partícula atravessará é algo puramente aleatório.

2. As Teorias das Variáveis Ocultas — Essas teorias sustentam que há, na realidade, fatores especificáveis que se acham nos "bastidores" do colapso do pacote de ondas[12]. Esses processos subquânticos são descritos por variáveis atualmente ocultas, mas é possível que, eventualmente, elas se tornem acessíveis tecnicamente. Expressa em termos bastante crus, essa teoria afirma que os eventos quânticos não são puramente aleatórios, e que a partícula atravessa uma determinada porta devido a uma razão "oculta", uma razão que a partícula atravessa "conhece" e que deveríamos ser capazes de descobrir. Bohm e seus colegas, trabalhando com o potencial quântico (e com a ordem implicada), pertencem a esta escola, como, presumivelmente, Einstein também pertenceu. O teorema de Bell, que recebeu muita atenção popular, é freqüentemente usado pelos defensores dessa escola para evidenciar a aparente "transferência" não-local (não confinada a uma região local, onde vale a causalidade no espaço) de informações entre regiões do espaço separadas por grandes distâncias. O teorema de Bell é geralmente interpretado no sentido de que, se a MQ é, de outro modo, correta, e se existe alguma espécie de variável oculta, então essa variável é não-local — representando um tipo de causalidade "instantânea" não separada pelo tempo ou pelo espaço. Bohm e seus colegas consideram isso um exemplo de ordem implicada; Sarfatti toma-o como um exemplo de "comunicação" mais rápida que a luz; outros (tais como Einstein) consideram-no um disparate.

3. A Hipótese dos Muitos Mundos — Foi proposta por Everett, Wheeler e Graham (EWG). De acordo com a Interpretação de Copenhague (teoria #1), quando a partícula 50A/30B/20C é medida e sua coerência é constatada na região B, então as duas outras possibilidades (A e C) colapsam — elas simplesmente não ocorrem (assim como, por exemplo, se você atira uma moeda para o alto e ela cai como cara, a possibilidade de dar coroa colapsa para zero). Agora, de acordo com a hipótese EWG, *todas* as possibilidades mutuamente exclusivas contidas na função de onda *efetivamente* ocorrem, mas em diferentes ramificações do universo. No momento em que a partícula atinge B neste universo, dois outros universos se ramificam, um dos quais contém a partícula que atinge A, e o outro a

partícula que atinge C. Em outras palavras, tão logo eu obtenho "cara" neste universo, *também* obtenho "coroa", mas num universo inteiramente diferente. Nenhum dos "eus" conhece os outros. Essa hipótese foi desenvolvida num estilo matemático muito sofisticado.

É fácil, ao tomar conhecimento desse tipo de teoria, simpatizar com François Mauriac: "O que este professor diz é muito mais inacreditável do que aquilo em que nós, pobres cristãos, acreditamos". Mas a verdadeira questão é que já se tornou óbvio que a chamada "nova física" está longe de representar um consenso quanto à natureza da realidade subatômica, fato que eventualmente nos levará a certas conclusões sugestivas. Enquanto isso, passemos à Quarta das principais teorias geradas pelo "problema da medição".

4. A Conexão Matéria/Mente — Essa teoria se apresenta sob muitas formas diferentes, mas, de acordo com nossa exposição popularizada, podemos afirmar que a teoria, de uma maneira geral, sugere o seguinte. Se a própria medição colapsa o pacote de ondas, não seria a medição, num certo sentido, *essencial* à manifestação desse evento material? E *quem* está efetuando a medição? Obviamente, é um ser sensível. Não seria a *mente*, então, uma influência sobre a matéria — ou até mesmo uma criadora da matéria?

Essa visão geral, de uma forma ou de outra, é sustentada por Wigner, Sarfatti, Walker e Muses. "Na minha opinião", diz Sarfatti, "o princípio quântico envolve a *mente* e de uma maneira essencial. . . a mente cria a matéria" (1974). Walker iguala as variáveis ocultas, presumindo que elas se acham aí, com a consciência; Muses liga a tomada da consciência no potencial quântico no vácuo. Mas Beynam resume tudo isso da seguinte maneira: "É a própria consciência que colapsa o vetor de estado." É essa teoria que queremos examinar agora, porque se afirma que é a conexão entre física e parapsicologia/misticismo.

Em primeiro lugar, existe alguma coisa na filosofia perene que estaria de acordo com a afirmação geral: "A mente cria a matéria"? A resposta, em primeira aproximação, é definitivamente afirmativa. A matéria é considerada, por todas as filosofias tradicionais, um precipitado no campo mental. Mas elas expressam isso com maior precisão. Não é a mente (nível 3) que, de maneira direta, cria a matéria (nível 1). É o prana (nível 2) que faz isso. A mente cria o prana; o prana cria a matéria.

Dessa forma, os físicos seriam mais precisos, de acordo com a tradição, se dissessem que não é a "mente" mas o "prana", a "bioenergia" ou a "sensibilidade biológica" que se acha imediatamente acima da matéria. Von Weizsacker já fez

isso, explicitamente (usando a palavra "prana"), como vários outros também o fizeram. Isso não seria um problema para esses físicos, pois as características que eles atribuem à "mente" como sendo necessárias para o colapso do pacote de ondas são, de fato, características do prana. Isto é, esses físicos, usualmente, não dizem que são "conceitos", "idéias" ou a "lógica" que colapsam o vetor do estado. Em vez disso, usam termos tais como "sistemas biológicos" (Sarfatti), "ser sensível" (Walker), "sensação" (Wigner), e estas são características distantes da mente mas próximas do prana (ou de qualquer sistema vivo). A mente também poderia colapsar o vetor, mas *via* prana. Isso também se ajustaria às sugestões de Sarfatti, pois todos os sistemas biológicos *contribuiriam* para o movimento browniano aleatório quântico, porém uma mente disciplinada (não presente nos animais) poderia controlá-lo[13].

Tudo isso soa como se essa versão da MQ estivesse diretamente de acordo com a visão mística, pelo menos no que se refere aos níveis 1 e 2 (isto é, o nível 2 cria o nível 1). No entanto, mais uma vez devemos ser muito precisos aqui, pois é muito fácil delinear conclusões prematuras.

Antes de mais nada, quando o místico afirma que a matéria é criada pelo prana, ele não quer dizer que o próprio prana deva estar presente de uma maneira manifesta (e, a partir deste ponto, para facilidade de reconhecimento, usarei a palavra "mente" em vez de "prana", lembrando as importantes qualificações dadas acima). Isto é, a mente *não* cria a matéria percebendo-a, sentido-a ou "medindo-a" — o que constitui, como vimos, a forma da teoria sustentada pelos físicos em questão. Em vez disso, a matéria simplesmente se forma como precipitado fora da mente, quer ela esteja ou não prestando atenção a isso. De fato, durante a involução, a mente gera a matéria e depois "desaparece" completamente da cena. Não fica por perto para observar a matéria e, graças a isso, gerá-la.

Dessa maneira, a filosofia tradicional evita completamente o dilema que de outro modo seria ridículo: se a mente cria a matéria pela percepção ou por contacto real (como participante-observador), então o que ocorreu, digamos, há dez bilhões de anos, quando somente havia matéria e não mentes? A ciência tem certeza de que a vida biológica só apareceu bilhões de anos *depois* da matéria. Antes disso, não havia vida, nem mente. Se a mente tem de medir ou observar a matéria a fim de que esta exista (ou que seu pacote de ondas colapse), chegamos ao absurdo. Não estamos nem mesmo trabalhando com um fantasma na máquina, mas com uma sombra inexistente de um fantasma inexistente numa máquina inquestionavelmente real.

Essa concepção — de que a mente gera a matéria por efeito do "participante-observador" — é o mesmo que dizer que a galinha (a mente) vê o ovo (a matéria) e, desse modo, o cria. Se não há galinha para ver o ovo, não há ovo. A concepção tradicional diz que a galinha (a mente) põe ou dá nascimento ao ovo (a matéria) e, por conseguinte, o cria; o que a galinha faz depois disso é problema dela — o ovo continua a existir, seja ele percebido ou não. De fato, durante a involução, o frango está profundamente enterrado. O que ele deixa para trás é uma versão reduzida do estado-de-ser-frango [*chicken-ness*], uma versão reduzida da mente, chamada matéria (ovo). Mas o ovo-matéria dobrou dentro de si o potencial para produzir ("chocar") um novo frango, ou a própria mente, e isso é exatamente o que acontece na evolução. No entanto, em caso algum o frango cria o ovo observando-o.

É por razões semelhantes que a maioria dos próprios físicos rejeita essa versão de interpretação da MQ. Como o próprio David Bohm explica: "A introdução, por Wigner, da mente consciente na física é motivada por certas considerações bastante gerais, que têm pouco a ver com a própria mecânica quântica". E falando dessa tendência que leva a concluir de maneira apressada que a observação pela mente é necessária para produzir matéria (medição), Bohm responde sucintamente: "Na verdade, isso é, com freqüência, levado a tal extremo que parece que nada jamais aconteceria sem o observador. No entanto, conhecemos muitos processos físicos, mesmo ao nível dos fenômenos quânticos, que ocorrem sem a intervenção direta do observador. Considere, por exemplo, os processos que têm lugar numa estrela distante. Esses processos parecem seguir as conhecidas leis da física, e ocorreram, sem qualquer intervenção significativa de nossa parte" (1975).

Em resumo, a filosofia perene concordaria com o fato de que a matéria é criada a partir da mente (prana), mas por intermédio de um ato de precipitação e de cristalização, e não de percepção e de medição. Mas a MQ pode responder, se o puder, *somente* por essa última teoria, e portanto a concordância da MQ com o misticismo quanto a esse ponto é pura coincidência[14]. Portanto, se essa interpretação particular da MQ se revelasse incorreta (e eu concordo com Bohm e outros físicos que isso possa acontecer), esse fato não afetaria de uma maneira ou de outra a visão de mundo do sábio místico.

Mas o meu objetivo não é saber se qualquer uma dessas quatro interpretações da MQ está certa ou errada. E ainda há outras que deixamos de discutir — conexões superluminosas, interpretações estatísticas simples, interpretação da lógica quântica. Essas questões são extremamente complexas e difíceis, e décadas de

trabalho serão necessárias para elaborar suas implicações. Entretanto, o que podemos fazer agora é chegar a certas conclusões imediatas.

1. A "nova física" está longe de um grande consenso até mesmo quanto à natureza da própria realidade subatômica. Não é possível encaixar a psicologia transpessoal/misticismo no consenso da nova física quântica, pois não há nenhum consenso. As conexões que se delinearam entre física e misticismo foram escolhidas a dedo. Os detalhes efetivos das várias interpretações na MQ são, como vimos, mutuamente exclusivos. Pegar simplesmente um detalhe de uma interpretação, depois um detalhe de outra, um pouco de *bootstrap* aqui, um pouco de ordem implicada lá, é, nas palavras do físico Bernstein, "um travestismo e um mau serviço" para as teorias envolvidas.

2. Mesmo se pudéssemos traçar várias paralelas compactamente juntas, enganchar a psicologia transpessoal na física é ainda "o caminho mais certo para o esquecimento". Parafraseando Eckhart, se o seu deus é o deus da física de hoje, então quando essa física se for (amanhã), esse deus irá com ela.

3. O ponto mais importante é que, independentemente de qual versão da teoria da MQ seja finalmente aceita, isso não afetará profundamente a visão de mundo do místico. Antes de mais nada, em nenhum caso ela poderia *invalidar* a visão de mundo mística. Quando a "fraturada visão de mundo" de Newton era a "verdade", isso não invalidava a visão mística. Se a Interpretação de Copenhague é a "verdade", isso não invalidará a visão mística. Se *qualquer* das interpretações da MQ for a verdadeira, isso não invalidará a visão mística. E, portanto, como qualquer epistemologia nos dirá, em nenhum caso uma interpretação poderia *validar* a visão mística do mundo. Se não há nenhum teste físico concebível capaz de contestar a visão mística, e de fato não há, então também não há nenhum teste concebível que possa corroborar essa visão.

4. Afirma-se às vezes que a nova física pelo menos *concorda* com a visão de mundo mística. Penso que podemos facilmente concordar com o fato de que certos aspectos de algumas interpretações dos formalismos matemáticos da teoria quântica, quando expressos em inglês cotidiano, soam similares a certos aspectos da visão do místico, não de sua visão do mundo (níveis de 1 a 6), mas de sua visão do nível 1. O *insight* do místico, no entanto, não encontra sua validação nem sua explicação nesse possível acordo. Mas se esse acordo ajuda a "legitimar" o misticismo aos olhos do público; se, pelo menos, não faz com que seus proponentes neguem radicalmente os estados místicos relegando-os a estados alucinatórios; ele abre caminho para uma aceitação mais plena da experiência mística — então, de acordo com a opinião geral, teremos realmente de agradecer

a nova física.

Além desse ponto, no entanto, leve consigo a advertência de Bernstein: agradeça a nova física por concordar com você, mas resista à tentação de construir modelos transpessoais sobre as areias movediças das mutáveis teorias do nível 1.

O CÉREBRO HOLOGRÁFICO

Enquanto as teorias holográficas/implicadas da física lidam inequivocamente com o nível 1, as teorias sobre processos holográficos no cérebro lidam, aparentemente, com o nível 3, ou com a mente e a memória. Em tandem, essas teorias abrangeriam, portanto, mais ou menos os níveis de 1 a 3.

Mas, além disso, algumas pessoas sugerem que se a mente fosse holográfica, então ela também poderia responder por experiências de nível mais elevado, transpessoais, por meio da mente que se funde na mancha (*blur*) holográfica, ou borrão holográfico, que está além das distinções explícitas. Essa mancha holográfica é chamada de "domínio de freqüências" onde, supostamente, "não existem" os objetos do espaço e do tempo. A mancha holográfica ou domínio de freqüências é descrita da seguinte maneira: "Não há espaço, não há tempo — só há eventos (ou freqüências)."

Passemos pela dificuldade de ter *eventos* existindo sem *qualquer tipo* de espaço ou de tempo; ignoremos também o fato de que, antes de mais nada, os objetos físicos (as *coisas* do espaço-tempo) são necessários para produzir hologramas. Afora isso, como poderia essa mente-holográfica ajustar-se à filosofia perene?

Para começar, diz-se que é, fundamentalmente, o armazenamento de informações de memória o que ocorre nos princípios da holografia óptica. Os mecanismos da holografia são explicados por transformações matemáticas, dotadas de propriedades intrigantes, uma das quais sendo o fato de que — em termos matemáticos, de qualquer maneira — o espaço e o tempo, ao que parece, são omitidos num certo estágio, e os resultados temporais desejados são recuperados através de uma função de leitura (no sentido informático) de informações de freqüências. Isso levou à noção de um domínio de freqüências — a noção de que os objetos do espaço-tempo são provenientes de "freqüências não-espaciais e não-temporais".

Não tenho dúvida de que isso é basicamente verdadeiro — que a memória é holograficamente armazenada, como se costuma dizer. Penso também que as pesquisas que demonstram esse fato são brilhantes. Mas, fora isso, a maneira

como tal fato se relaciona com estados transcendentais está longe de ser clara. Para dizer a verdade, há semelhanças de linguagem — a mancha holográfica ("não há espaço, não há tempo") soa como um estado místico. Soa também como desfalecimento, inconsciência. Há um mundo de diferenças entre a consciência pré-temporal, onde não há espaço nem tempo, e a consciência transtemporal, que se move além do espaço e do tempo embora ainda os envolva. "A eternidade", apesar de tudo, "está apaixonada pelas produções do tempo". Isso não prova, de maneira alguma, que a mancha holográfica não é um estado transcendental; demonstra que não se pode julgar assim com base nas correlações da linguagem.

Não obstante, afirma-se que uma mudança capaz de levar a uma "percepção da mancha holográfica" produziria estados transcendentais. Uma vez que é a memória que é holograficamente armazenada[15], o que significaria, na verdade, uma mudança capaz de levar a uma percepção do compartimento onde é armazenada a memória pessoal? Seria isso o nirvana, uma consciência direta que transcende mas também inclui toda a manifestação?

De acordo com a própria teoria, não percebo como isso deveria ou poderia resultar em outra coisa a não ser uma experiência do compartimento onde é armazenada uma memória pessoal, adequadamente manchado e sem o benefício da leitura linear, no sentido informático. Como alguém poderia saltar de uma mancha da sua própria memória para uma consciência cristalina que transcende a mente, o corpo, o *self*, e o mundo é algo que, em absoluto, não está claro. É um irrefletido salto teórico o movimento que leva da afirmação "a memória pessoal é holograficamente armazenada" para a afirmação "portanto, todas as mentes são parte de um holograma transpessoal".

Penso, em vez disso, que estamos permitindo a certas similaridades superficiais da linguagem governarem o dia da razão. O exemplo acima é, talvez, suficiente, mas além dele há toda essa noção de um "domínio transcendente de frequências além do espaço e do tempo" — que, segundo se afirma, é a mancha holográfica implicada. Essa noção, parece-me, ganha crédito apenas com base nas singularidades da matemática envolvida, que traduzem "coisas" em "frequências" e, dessa forma, permitem que um deslize de linguagem seja tomado por verdades transcendentais. Presume-se que as transformações do "domínio de frequências" referem-se a *realidades vivenciais* de uma maneira que não é apenas inacreditável, mas francamente autocontraditória.

A transformação de "coisas" em "frequências" não é uma transformação de espaço/tempo em "não-espaço, não-tempo", mas uma transformação de objetos do espaço-tempo em frequências do espaço-tempo. Frequência não significa "não-

espaço, não-tempo"; significa ciclos por segundo ou espaço por tempo. Colher de outro modo os frutos da matemática é dar mais que um salto quântico, é dar um salto de fé.

Essa "teoria tem ganho um apoio crescente e não tem sofrido desafios sérios. Um impressionante corpo de pesquisas realizadas em muitos laboratórios demonstrou que estruturas do cérebro vêem, ouvem, sentem o gosto, cheiram e tateiam por meio de sofisticadas análises matemáticas de frequências temporais e/ou espaciais [de onde a primazia do domínio de frequências]" (*ReVision*, 1978). Não desafio a teoria; repito, e quero deixar claro, que estou francamente impressionado. No entanto, não estou impressionado por especulações que dão às "frequências *temporais e/ou espaciais*" o nome de "não-espaço, não-tempo". E é justamente nesse deslize semântico que essa teoria soa transcendentalmente viva.

É desnecessário dizer que esse truque de prestigiador semântico, que substitui a mancha holográfica pessoal pela unidade transpessoal, não ajuda nem o brilhante trabalho desses pesquisadores do cérebro — Pribram, por exemplo — nem a difícil tarefa dos psicólogos transpessoais para explicar a transcendência.

Ao lado das considerações acima, temos ainda outra linha de argumentos que foram propostos. Seguindo essa linha, permita-nos presumir de qualquer modo que a mente, *em geral*, é holográfica em suas operações. Será que isso se encaixaria na filosofia perene e, além disso, será que responderia pelos níveis de consciência mais altos?

Receio que, mesmo oferecendo esse generoso *lead*, não seremos mais bem-sucedidos. Antes de mais nada, o fato de a estrutura profunda do campo mental ser holográfica não responderia, por si mesmo, pelos níveis transpessoais, ou níveis de 4 a 6. As razões para isso, de acordo com as tradições perenes, são que 1) *todo* nível é uma holoarquia, e não apenas a mente, e 2) a experiência da holoarquia de qualquer nível não leva uma pessoa para *além* desse nível, mas apenas torna acessíveis *insights* mais profundos *dentro* desse nível. Assim como a holoarquia do nível 1 não implica nem requer os níveis 2, 3, 4, 5 ou 6, também a holoarquia do nível 3 não responde automaticamente por qualquer dos níveis acima dele (níveis 4, 5 ou 6).

Do mesmo modo, a efetiva experiência da holoarquia do nível 3 não envolve necessariamente — nem mesmo provavelmente — os níveis 4, 5 ou 6. A mente superficial ordinária (nível 3) vivencia a si mesma como separada e, às vezes, isolada de outras mentes. Vivenciar a holoarquia do nível 3 seria, no máximo,

vivenciar uma fonte de ressonância com outras mentes, e até mesmo uma sobreposição a elas. Isso produziria uma experiência direta de efetiva empatia interpessoal.

Mas empatia interpessoal não é identidade transpessoal. Em estados de consciência (*awareness*) transpessoal (além de certas práticas introdutórias), quer a mente se ache presente ou não, explícita ou implícita, saliente ou indistinta no borrão holográfico — tudo isso é irrelevante. Os domínios superiores transcendem mas podem, sem dificuldade, incluir a mente, e se a própria mente se manifesta ou não, isso não importa. A *existência* de estados mais altos não pode ser explicada em termos de algo que possa ou não ocorrer com um estado mais baixo, esteja este desdobrado e projetado ou dobrado e indistinto. Você poderia dizer igualmente que pode explicar o nível 2 manchando holograficamente, e de maneira suficiente, o nível 1. Esse reducionismo disfarçado levou Willis Harman a comentar: "Essas teorias holográficas ainda são levadas a interpretar o dado primário, a consciência, em termos de algo mais, algo que, no final das contas, seria quantificável [isto é, em termos de medições feitas no nível mais baixo, o nível físico]. Essas teorias ainda não pertencem à nova ciência, mas à velha, na qual se tenta explicar satisfatoriamente a consciência em vez de tentar entendê-la".

Finalmente, poderíamos prestar atenção às sugestões de William Tiller: "A [teoria] holográfica [da percepção pelo cérebro] focalizou, em grande parte, a apreensão sensorial dessa representação no nível físico da consciência [nível 1]. [Poderíamos dizer melhor] optando por uma representação multidimensional [hierárquica] da consciência e por possíveis estruturas do universo para sua manifestação. Sem tal extensão para além do arcabouço da percepção puramente física, o alcance de qualquer 'novo paradigma' será severamente limitado".

Tiller sugere dois pontos. Em primeiro lugar, o "domínio de frequências", considerado tão transcendente, é na verdade "precedente" [*prescendent*]: é apenas caótico e "exuberante rumor" das frequências do nível 1, o nível físico, antes que o cérebro possa classificá-las numa organização de ordem mais elevada. Uma experiência efetiva *dessa* "realidade primária" seria, de fato, pura regressão, e não transcendência. Em segundo lugar, a holoarquia não pode responder pela hierarquia, e, desse modo, toda a teoria, enquanto paradigma, falha completamente na área mais importante de sua explicação.[16]

CONCLUSÕES E AVALIAÇÕES

Há várias repercussões benéficas vindas da "nova física" e do "novo paradigma", mesmo se concluirmos, como penso que devemos fazê-lo, que este último não constitui nada que se aproxime de um paradigma abrangente ou mesmo adequado. Mas entre esses benefícios estão:

1. O interesse de físicos influentes pela metafísica. Esse interesse tomou duas formas diferentes. Primeiro, a disposição para postular ordens da *physis* imensuráveis e indetectáveis, situadas atrás da energia/massa explicada, ou subcendendo-a. Essa é a ordem implicada/potencial quântica de Bohm. Segundo, a disposição dos físicos para reconhecer a necessidade de incluir, no final das contas, referências a níveis mais altos que a *physis*, em suas considerações sobre a *physis*. Da maneira como Wheeler colocou a questão, "nenhuma teoria da física que lida apenas com a física jamais explicará a física" (citado em Sarfatti, 1974). E Sarfatti: "Portanto, afirmações *meta-físicas* são absolutamente vitais para a evolução da física" (1974). Com base nisso, Sarfatti introduz a noção de "mente criando matéria". Porém, mesmo que isso fosse verdadeiro, da maneira como Sarfatti o propõe, a filosofia perene o lembraria de acrescentar: "E então você precisará do metamental para explicar a mente, o que o levará até o sutil; e então você precisará do metassutil para explicar o sutil, e assim por diante, até que, assim como uma curva assintótica que se aproxima de um eixo mas nunca o alcança, até o infinito, você chegue à Consciência enquanto Tal."

2. O vendaval reducionista da ciência mecanicista parece estar, finalmente, transformando-se em uma brisa, e a física está se abrindo — e com o impacto da autoridade, muitos outros campos também o estão — aos sistemas abertos, de incessante novidade e criatividade. Isso é evidente, de modo especial, no trabalho de I. Prigogine, cuja teoria das estruturas dissipativas é tão bela quanto profunda. Estruturas dissipativas são simplesmente um meio matemático de *levar em conta* a evolução de estados superiores, mais organizados, a partir de estruturas menos complexas. Estruturas dissipativas não são, na realidade, explicações da vida ou da mente, como às vezes se diz, mas descrições do que precisa acontecer com a matéria a fim de que domínios mais altos se desdobrem. Identificar efetivamente a essência de um nível mais alto como sendo simplesmente uma estrutura dissipativa é o mesmo que dizer que a *Mona Lisa* não passa de uma concentração de tinta. A importância da matemática dissipativa é que ela apresenta claramente e leva plenamente em consideração padrões de emergência de ordem mais alta.

3. Todo o movimento da nova física e do novo paradigma pelo menos demonstram que há um interesse profundo, sério e em rápido crescimento por assuntos que envolvem a filosofia perene e por realidades transcendentais, mesmo entre

especialistas e entre campos que uma década atrás teriam se preocupado menos com isso. Não importa que alguma coisa do que foi dito seja prematuro, pois *aquilo* que foi dito é extraordinário.

4. Livros tais como *The Tao of Physics* e *The Dancing Wu-Li Masters* e publicações tais como o *Brain/Mind Bulletin* de Marilyn Ferguson estão introduzindo grande número de pessoas não somente nos assuntos intrigantes da ciência e da física do Ocidente mas também em certos aspectos da sabedoria e do pensamento do Oriente, e por vias que, simplesmente, não teriam sido possíveis antes.

Meu objetivo, portanto, ao criticar certos aspectos do novo paradigma *não* é, em definitivo, evitar o interesse por tentativas posteriores. É, em vez disso, um convite invocando precisão e clareza na apresentação de questões que são, no final das contas, extraordinariamente complexas e que resistem a uma rápida generalização. E digo isso com um certo sentido de urgência, pois em nosso compreensível zelo em promulgar um novo paradigma, que, de certa forma, toca com suas raízes a física, numa das extremidades, e o misticismo, na outra, estamos sujeitos a alienar ambos os partidos — e todos os que estão entre eles.

Numa das extremidades do espectro: certos pesquisadores, mística ou transpessoalmente orientados — Tiller, Harman, W. I. Thompson, Eisenbud —, já expressaram desapontamento ou total rejeição face ao novo paradigma.

Na outra extremidade: muitos físicos já estão furiosos com o uso "místico" a que a física das partículas está sendo submetida. O físico especializado em partículas Jeremy Bernstein desfechou recentemente um ataque violento contra tais tentativas, chamando-as de "superficiais e profundamente desencaminhadoras" (1978). E uma autoridade do porte de John Wheeler — cujo nome é sempre mencionado no "novo paradigma", e de uma maneira que o deixa furioso — publicou recentemente duas cartas de crítica severa onde, entre várias coisas, estigmatiza as tentativas de aliança física/misticismo como "fantasias lunáticas", "ciência patológica" e "charlatanismo". "Além disso", afirma, "na teoria quântica da observação, meu próprio campo atual de pesquisa, encontro o trabalho honesto quase completamente inundado pelo murmúrio de idéias absolutamente loucas propostas com o objetivo de estabelecer um vínculo entre a mecânica quântica e a parapsicologia" (1979) — e a psicologia transpessoal, no que diz respeito a ela. Wheeler solicitou, e o Almirante Hynam G. Rickover uniu-se a ele, que todas as sanções da Associação Norte-americana para o Avanço da Ciência fossem removidas de qualquer empreendimento de tendência transpessoal, sanções que Margaret Mead, há dez anos, lutou tanto para obter.

O trabalho desses cientistas — Bohm, Pribram, Wheeler, e outros — é importante demais para se curvar sob o peso de especulações extravagantes sobre misticismo. E o próprio misticismo é profundo demais para se deixar amarrar a fases de teorização científica. Que lhes seja permitido apreciar-se reciprocamente, e que seus diálogos e suas mútuas trocas de idéias nunca terminem. Porém, casamentos prematuros e injustificados habitualmente terminam em divórcio, e, com muita freqüência, num divórcio que lesa terrivelmente ambas as partes.

NOTAS

1. O que se segue é, aproximadamente, uma combinação do sutra *Lankavatara*, do *Livro Tibetano dos Mortos* e do existencialismo ocidental. Para uma abordagem mais detalhada, veja *The Atman Project* (Wheaton, Illinois: Quest, 1980) [*O Projeto Atman*, Cultrix].
2. Veja o artigo de F. Capra, neste livro [N. do T.]. Neste artigo, encontramos (pág. 112): "A base da abordagem *bootstrap* é a idéia de que a natureza não pode ser reduzida a entidades fundamentais, como blocos de construção fundamentais da matéria, mas tem de ser inteiramente entendida por intermédio da autoconsistência". [Nota de Gustavo]
3. Se não ficou claro até aqui, é importante saber que Wilber tem como base a noção de *não-dualidade* e que, para ele, *Consciência não difere de Realidade* — a epistemologia, pois, é inseparável da ontologia correspondente. Portanto, os níveis de Consciência são (como demonstrado em *O Espectro da Consciência* e em *Eye to Eye*) níveis de Realidade. Como o sujeito conhecedor é inseparável do objeto conhecido, os níveis epistemológicos correspondem aos níveis ontológicos (veja *Eye to Eye* e *O Olho do Espírito*): o "olho da carne" vê o mundo físico e biológico e produz a Física e a Biologia; o "olho da mente" vê o mundo mental e produz a Matemática, a Filosofia, a Psicologia e as outras ciências humanas; e o "olho do espírito" (ou "olho da contemplação") vê o mundo sutil, causal e pode realizar a não-dualidade sempre presente em todos os outros níveis — corresponde, assim, às Religiões duais (estudadas pela Teologia) e ao Misticismo não-dual. [nota de Gustavo]
4. A esta altura, cabe uma elucidação. Quando Wilber fala em "níveis elevados", ele não faz um julgamento de valor ou de qualidade; mas aponta para o fato de que o nível mais alto *transcende mas inclui* o nível mais baixo. Isto é, "nível elevado" significa "nível de maior transcendência e de maior inclusão". Tanto, que em

suas obras mais recentes ele afirma que a *Grande Cadeia do Ser* (os níveis de consciência/realidade) é, no fundo, o *Grande Ninho do Ser* — cada nível é englobado e abraçado pelo nível superior. Por exemplo, dizer que o causal (correlacionado ao Misticismo) é superior ao físico (correlacionado com a Física) é declarar que o causal *abraça* o físico, e não o contrário. [nota de Gustavo]

5. Aqui pode parecer que Wilber é contra qualquer tentativa de integração entre ciência e religião. Na verdade, ele dedicou uma obra somente para este propósito: *A União da Alma e dos Sentidos — Integrando Ciência e Religião* (ed. Cultrix). Nela, Wilber volta a apontar as limitações das tentativas anteriores de integração, e sugere o seu modelo como um possível elo entre o melhor da ciência e o melhor da religião. [nota de Gustavo]
6. Veja *A Totalidade e A Ordem Implicada*, de David Bohm (ed. Cultrix). [nota de Gustavo]
7. Estou, neste artigo, omitindo a diferença mais radical e conhecida entre misticismo e qualquer tipo de paradigma físico ou holográfico, porque é também a mais óbvia. A saber: 1) A compreensão dos princípios holográficos é um ato da mente, ao passo que a compreensão da verdade mística é um ato de contemplação transmental, e 2) se as teorias holográficas se destinam, como efetivamente se afirma, a descrever verdades transcendentais, ou a sugerir algo assim como uma transcendência efetiva, o que ocorre é uma violenta ilusão conhecida como erro de categoria [sobre isso, consulte Wilber (1979) — *Eye to Eye*]. Alguns chegaram até mesmo a sugerir que uma simples aprendizagem do paradigma holográfico seria o mesmo que uma transcendência real, e nesse caso essas teorias hipotéticas não apenas estão erradas, como também são prejudiciais. [N. do A.]
8. Wilber refere-se à obra *The Forgotten Truth*, não publicada no Brasil. Do mesmo autor, veja *As Grandes Religiões do Mundo* (ed. Cultrix). [nota de Gustavo]
9. Tentei, no meu livro *The Atman Project* (Wilber, 1980) [*O Projeto Atman*, Cultrix], fazer isso ao longo das seguintes linhas: A questão, freqüentemente negligenciada, é que, se há gradações da ordem implicada, também deve haver gradações da ordem explicada e, de fato, as duas seguem paralelamente ao longo da evolução. À palavra "implicada", quando usada como metáfora, é quase sempre dada uma conotação de ser mais real, mais fundamental e mais básica que o mundo explicado das entidades manifestas. No entanto, elas na verdade se alternam. O que é implicado em um nível de consciência torna-se explicado no nível seguinte. Isto é, cada nível é implicado com relação ao seu predecessor mas explicado com relação ao seu sucessor. Prana, por exemplo, é implicado com relação à matéria e explicado com relação à mente, assim como a mente é implicada face ao prana e explicada face ao sutil. A evolução é uma série de etapas que consistem em tornar explicado aquilo que antes se achava implicado. À medida que cada estrutura mais alta se desdobra, ou fica explicada, ela passa a incluir, ou implicar, a mais baixa. Todo esse processo é cuidadosamente descrito em *The Atman Project*. No entanto, quando os termos "implicado/explicado" são usados dessa maneira, não há precisamente nada de novo com relação a eles; esse é o verdadeiro núcleo da *philosophia perennis*, de Hegel a Aurobindo. Entretanto, essa não é a maneira como esses termos são atualmente usados. Por isso, no que se refere aos termos "implicado" e "explicado", geralmente tento evitar o seu uso, ao descrever esse processo global e seu contexto hierárquico de muitas dimensões, porque a filosofia perene vai muito além do que quer que esteja contido no uso atual dessas noções de implicado/explicado. E quando essas noções são alinhadas com a *philosophia perennis*, como no resumo acima, elas acabam por revelar apenas um mínimo de semelhança com o significado originalmente dado a elas pelos físicos. Finalmente, há uma enorme diferença entre subcendência e transcendência, e quando a "ordem implicada" é usada em *ambos* os sentidos, resultam, desse uso, certos erros evidentes. A maneira mais fácil de se evitar isso é usar a noção de "ordem implicada" precisamente da mesma maneira como foi proposta: uma unidade subjacente do plano da *physis*, o nível 1. [N. do A.]
10. O físico Amit Goswami dedicou um livro inteiro para provar esta tese, que, segundo ele, leva a um "Monismo Idealista" — o que, de acordo com Wilber e outros teóricos e sábios, é uma interpretação equivocada da Filosofia Perene. Veja *O Universo Autoconsciente* (ed. Rosa dos Tempos/Record). [nota de Gustavo]
11. Esta é uma afirmação um tanto grosseira, mas também constitui a base para os ataques da má metafísica. [N. do A.]
12. Esta interpretação é uma tentativa de salvar o *Realismo Científico* — a crença de que há uma realidade externa e independente do observador e que pode ser representada e descrita por leis gerais. Os teóricos da

escola de Copenhagen superaram tal visão afirmando a inseparatividade entre sujeito e objeto. Uma ótima crítica à visão realista se encontra em *Choosing Reality*, de Alan Wallace. O primeiro capítulo dessa obra está disponível em <http://www.snowlionpub.com/chapters/chre.htm> Do mesmo autor, a transcrição de uma palestra que oferece uma alternativa ao Realismo Científico pode ser encontrada em <http://www.srhe.ucsb.edu/lectures/text/wallaceText.html> [nota de Gustavo]

- 1.3. Deveria ser dito que, embora eu acabe discordando dessa escola da MQ quanto à natureza da *geração* da matéria a partir da mente, não excluo o fato de que eles podem ter algumas coisas importantes e brilhantes a dizer a respeito da *influência* da mente sobre a matéria, após a *ocorrência* da geração da matéria a partir da mente. É uma concordância bastante branda mas, não obstante, é uma concordância, e certas áreas muito especiais da parapsicologia (não do misticismo em seu todo) deveriam encontrar ressonância com essas teorias. [N. do A.]
- 1.4. Quando o bispo Berkeley (muito embora não fosse ele um purista *vis-à-vis* à filosofia perene) disse que *ser* era *ser percebido*, ele queria dizer, no final das contas, *ser percebido por Deus*, ou pela Consciência absoluta. Mas, como ele sabia, ser e percepção são *um* na Consciência absoluta, isto é, as entidades existem não porque são percebidas pela consciência, mas pelo fato de que sua existência *é* consciência. Elas não são criadas por serem vistas por Deus, elas simplesmente são Deus no coração. Em outras palavras, Berkeley não dizia que o ser deveria ser entendido *através* da percepção (ou da consciência), mas sim que o ser *é* consciência. A consciência não cria uma coisa olhando para ela; ela simplesmente *é* aquela coisa, e quaisquer "percepções" específicas são irrelevantes. [N. do A.]
- 1.5. A "percepção" do domínio de frequências físicas será discutida mais adiante, juntamente com a crítica que William Tiller dedica ao paradigma holográfico. [N. do A.]
- 1.6. Não estou questionando o fato de que a percepção e a memória ocorrem da maneira como essa hipótese sugere. Não estou, em absoluto, desafiando a hipótese nesse terreno. Estou questionando se, além disso, essa hipótese poderia ter algo a ver com realidades transcendentais. Minha conclusão pessoal, provisória, é que ela apenas *parece* ter algo a ver com a transcendência real devido às singularidades da matemática envolvida e devido a uma manipulação imprecisa da linguagem. Particularmente questionável é o salto da afirmação "cada memória pessoal é igualmente distribuída em cada célula do cérebro individual" para essa outra: "Portanto, cada mente individual é parte de um holograma transpessoal". O paradigma holográfico é descrito como "um em todos e todos em um" — onde "um" significa "memória/célula individual" e "todos" significa "todas as células individuais do cérebro". A partir dessa afirmação precisa faz-se uma rápida substituição: "um" passa a significar "um indivíduo" ou "uma pessoa" e "todos" vem a significar não todas as outras células cerebrais de uma pessoa, mas todas as outras pessoas, e ponto final. [N. do A.]

REFERÊNCIAS

- BEYNAM, L., "The Emergent Paradigm in Science". Em *ReVision*, 1, 2, 1978.
- BERNSTEIN, J. "A Cosmic Flow". *American Scholar*, Inverno-Primavera, 1979.
- BOHM, D. e HILEY, B. J. "Some remarks on Sarfatti's proposed connection between quantum phenomena and the volitional activity of the observer-participator". Pré-impressão, Departamento de Física, Birbeck College, Universidade de Londres, 1975.
- _____. "A Conversation with David Bohm — The Enfolding-Unfolding Universe." Conduzida por Renée Weber. Em *ReVision*, 1, 3/4, 1978. [disponível, em português, no livro *O Paradigma Holográfico*, Ed. Cultrix.]
- CAPRA, F. *The Tao of Physics*. Boulder: Shambhala, 1975 (tradução em português, *O Tao da Física*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1986).
- GARDNER, M. "Quantum Theory and Quark Theory". Em *New York Review of Books*, 17 de maio de 1979.
- *ReVision*, 1, 3/4, 1978. "A New Perspective on Reality" Reimpressão do *Brain/Mind Bulletin*.
- SARFATTI, J. "Implications of Meta-physics for Psychoenergetic Systems". *Psychoenergetic Systems*, 1, 1974.

- SHEPHERD, A. P. *A Scientist of the Invisible*. Citado em White, J. e Krippner, S., *Future Science*. Nova York: Anchor, 1977.
- WACHSMUTH, G. "The Etheric Formative Forces". Em White, J. e Krippner, S., *Future Science*. Nova York: Anchor, 1977.
- WELWOOD, J. "Self-knowledge as the Basis for an Integrative Psychology". *Journal of Transpersonal Psychology*, 11, 1, 1979.
- WILBER, K. "Eye to Eye", *ReVision*, 2, 1, 1979.
- _____ . *The Atman Project*. Wheaton: Quest, 1980 [*O Projeto Atman*, Cultrix]

Site oficial de Ken Wilber:

<http://wilber.shambhala.com/>

Mais material sobre Wilber (resenhas de livros, citações, entrevistas, críticas):

<http://www.worldofkenwilber.com/>

Atualizado em 17/dez/2002 por Gustavo

Qualquer correção, dúvida ou sugestão, por favor mande uma mensagem para gustavodrums@uol.com.br ou Ken-Wilber-owner@yahoogrupos.com.br

Discussões sobre a obra de Ken Wilber e assuntos relacionados podem ser feitas em <http://br.groups.yahoo.com/group/Ken-Wilber/>

